



XXII Encontro Internacional da IF

Paris 2024

O tempo que resta

Ida Freitas

Sempre me chamou a atenção momentos da clínica com a procura de sujeitos com uma problemática semelhante que se coloca a partir de uma questão que a princípio parece localizar os efeitos do discurso contemporâneo sobre os corpos e subjetividades.

Escutar o sujeito em sua demanda singular sem, no entanto, considerar o que advém das conjunturas da época, de discursos hegemônicos que se impõe como um imperativo às sociedades e produz segregação àqueles que não o aderem ou já não se sentem capazes de a ele corresponder, me parece absolutamente necessário para a clínica psicanalítica e logicamente que, a partir da escuta de cada caso discernir as múltiplas eleições singulares face a imposição discursiva.

Assim se deu no último ano, a coincidência da chegada em minha clínica de mulheres afetadas pela angústia decorrente dos efeitos de um tempo particular da vida, o envelhecer e seus desdobramentos para o tempo imprevisível que resta a ser vivido.

Esse trabalho tem por finalidade pensar a angústia para fazê-la falar e não calar na inibição, que advém dessa conjuntura que envolve as vicissitudes do envelhecer especialmente em mulheres numa fase da vida em que filhos já seguiram seus caminhos, casamentos terminaram ou não, o trabalho ainda pode aportar um vislumbre do desejo, mas a solidão o desamparo o sem sentido da vida se impõe a partir dessas rupturas, de tal maneira que o advento da angústia é inevitável diante de uma condição aparentemente abismal que se instala no horizonte dessas mulheres.

O desenlace do sujeito ao campo do Outro, o sentimento de exclusão de um lugar “familiar” que fazia amarração a um certo universo de discurso, pode vir a produzir a experiência de queda do objeto, de abalo nas identificações e na fantasia por ver-se numa condição de dejetivo, de um objeto sem valor diante desse Outro.

XII ENCONTRO DA INTERNACIONAL
DOS FÓRUMS
VIII ENCONTRO INTERNACIONAL DA ESCOLA
DE PSICANÁLISE DOS FÓRUMS DO CAMPO
LACANIANO

1 - 5 MAIO 2024

ANGÚSTIA
COMO
FAZÊ-LA
FALAR?

EPFCL
MAISON DE LA CHIMIE
28 BIS RUE SAINT-DOMINIQUE
75007 PARIS - FRANCE

A ciência e seus avanços com sua profusão de promessas *antiage* não evita o declínio do corpo, da beleza, do vigor sexual, assim tanto o narcisismo da própria imagem quanto o encontro com o outro do sexo e do amor já não se fazem tão frequentes e deixam de ser um recurso para lidar com a falta.

Questionamentos advêm dessa conjuntura que impõe ao sujeito um trabalho de reorientação na estrutura, instante que pode vir a ser fecundo para o início de uma análise, para não sucumbir nem aos “campos de concentração para velhos”¹ nem a angústia paralisante nem ainda a tristeza e ao isolamento.

Abro um parêntese para situar a expressão usada por Lacan “campos de concentração para velhos” justamente no Seminário da Angústia² quando diz que os esportes de inverno - Lacan retornava de suas férias - “são a encarnação evidente, uma materialização vivíssima do problema, uma espécie de campo de concentração da velhice abastada e que todos sabem que se tornará um problema cada vez maior no avanço de nossa civilização, dado o aumento da média etária com o tempo”.

Escapar a medicalização da angústia que cala e robotiza os sujeitos e se arriscar em uma análise, pode ser uma nova chance para relançar os dados e se abrir à contingência e aos possíveis no “tempo que resta”.

Essa coincidência da clínica que tem me feito trabalhar no singular de cada caso com uma flutuação advertida para o manejo com a demanda. Nas entrevistas preliminares pude constatar que algo de um traço de identificação poderia de saída estar aí colocado. Em um dos casos isso foi dito explicitamente na pergunta: “Como você tem feito para se virar com a idade, se manter alegre e ativa nessa fase da vida?”

A condução desses casos também me levou a perguntar por que exclusivamente mulheres me procuraram com questões em torno da conjuntura do envelhecimento? Onde estão os homens? Isso não os afeta, não querem saber disso, tem outros recursos e quais seriam? A cultura não é tão cruel com a decrepitude do homem quanto é com a mulher? Haveria relação com a posição fálica?

Buscando situar o que pode haver de específico nessas demandas, em que medida concerne levantar a hipótese de que o declínio de uma posição fálica até então ocupada



por essas mulheres através do imaginário de um corpo vigoroso e atraente, do simbólico por meio de um lugar reconhecido socialmente no trabalho e família, pode levar o sujeito a se deparar com certo abismo real que remete a sua condição não-toda fálica, atualizando o horror à castração e conseqüente aparecimento da angústia?

Ao propor as fórmulas da sexuação, Lacan³ as estabelece de modo a definir dois lugares, ainda que indeterminados. Existem dois lados separados por uma linha, o lado homem e lado mulher. O lado homem é a parte do universal, do para todos, onde podemos situar todos os seres falantes, todos, homens e mulheres, uma escrita lógica para dizer que todos os falantes estão submetidos a função fálica.

Portanto se todos, enquanto humanos, estamos deste lado das fórmulas, do lado todo fálico, o que encontramos do outro lado é um mais, ou seja, temos o gozo fálico e o Outro gozo, um gozo suplementar.

Para além do fálico, portanto, há Outro gozo que situa que a mulher é aquela que está *nãotoda* no gozo fálico, quer dizer, está no gozo fálico e em Outro gozo que vai além do gozo fálico. Assim lemos a terceira fórmula como: “a mulher não está toda submetida a função fálica.”

Teria esse encontro com o: “e agora, o que faço de minha vida?” essa estranha liberdade de um tempo irrealizável que resta a ser vivido no caminhar inevitável para a morte que suscita a angústia, afeto que aponta para o real, haveria aí a chance para a construção de um saber fazer em análise com esse vazio abismal, com essa margem de liberdade, para criar, inventar, se arriscar a experimentar um Outro gozo, uma nova satisfação para além do fálico?

Dos casos recebidos, posso localizar nuances que mostram certo vislumbre nessa direção. Em um deles a fotografia vem se tornando um novo modo de olhar o mundo assim como o próprio corpo com suas marcas do tempo e os detalhes singelos do cotidiano, associada a uma delicada escrita do feminino dessa experiência, que retorna para o trabalho analítico, e em outro pelo movimento de ressignificar o sentido do amor na direção de um “amor mais digno”.

XII ENCONTRO DA INTERNACIONAL
DOS FÓRUNS
VIII ENCONTRO INTERNACIONAL DA ESCOLA
DE PSICANÁLISE DOS FÓRUNS DO CAMPO
LACANIANO

1 - 5 MAIO 2024

AN
GÚS
TIA

COMO
FAZÊ-LA
FALAR?

EPFCL

MAISON DE LA CHIMIE
28 BIS RUE SAINT-DOMINIQUE
75007 PARIS - FRANCE

¹ Lacan, J. (2005[1962-63]) O Seminário, livro 10: a angústia. p.163. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor

² *Ibid*

³ Lacan, J. (1985[1972-1973]) O Seminário, livro 20: mais, ainda.p.105-120. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor